

# **A FENOMENOLOGIA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DIÁLOGOS COM PROFESSORES NUM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

## **INTRODUÇÃO**

A prática da Contação de Histórias (CH) é algo que perpassa a alma, encanta e abre caminhos para pensar ao léu, ao solto, ao desprendido. Permite o acesso à imaginação e a viagem que pode percorrer a lugares obscuros, mas também, instigar reflexões sobre os conflitos da alma. Num chamado a reflexão, possibilita atingir um alvo sem às vezes ter mirado nele.

É arte que envolve memória, lembranças, oralidade e o uso de materiais concretos que auxiliam no envolvimento do que se pretende despertar. É prática tradicional de muitos povos, sendo passada de geração a geração. Desperta nos ouvintes e não ouvintes (pois possui vários meios de expressão), sensações que potencializam os laços de interação com o outro.

Foi nessa linguagem expressiva do momento que aquieta, inebria e provoca os sentidos que me vi afetada pela CH como possibilidade de expressão e de potencialização de aprendizagens, fato que, a partir de seu contato, desvelou-me dimensão artística particular que ansiava em emergir. Desta forma, devo admitir que (a partir de seu conhecimento) ela se incorporou a minha prática profissional como se fizesse parte de meu próprio corpo.

Neste sentido, ao longo de minha trajetória profissional, tenho vivenciado esses momentos intensos com sua utilização, em que, vislumbro em crianças e adultos (que possuem a dimensão lúdica “vivendo dentro de si”) pontes de comunicação e de vivências significativas.

A partir deste imbricamento nasce a inquietação: porque não ensinar a linguagem da CH a professores como forma de comunicação e diálogo com seus/suas alunos/as?

Por essa via, e a partir do caminho que percorro no curso de mestrado profissional, desejo apresentar, dentro dos entrelaçamentos com a fenomenologia existencial, a CH como possibilidade de instrumento didático para uso em sala-de-aula.

Assim, nosso percurso tem sido intensamente permeado por essa prática de maneira singular nas experiências potentes do encontro com o outro. Por este viés de sentido e pertencimento, acredito que a CH(s) são recursos de grande valor e com potencial inesgotável dentro do processo de aprendizagem(s), realizando pontes lúdicas, sensoriais e de compreensão do outro.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

A presente pesquisa de mestrado profissional (em andamento) pretende observar e descrever falas e vivências de professores com a CH a partir do contexto de Educação Infantil.

### **Objetivos específicos**

Realizar pesquisa fenomenológica eidética sobre as vivências particulares de professores com a CH(s).

Após conclusão da pesquisa:

Desenvolver oficinas CH(s) a professores em formação continuada.

Construir (com os professores) uma cartilha do contador/a de histórias.

## **METODOLOGIA**

Atendendo a problematização dessa pesquisa, investigaremos, por meio de reflexões, de registros, narrativas, dos processos de aprendizagem e da não aprendizagem nos espaços/tempos da Educação Infantil de um município da grande Vitória-ES, a práxis docente dos profissionais envolvidos por meio da composição da arte de CH.

Neste sentido, realizaremos uma pesquisa fenomenológica para “escutar” e “compreender” como se dão as relações entre esses docentes e a CH, e dessa forma, haverá um investimento intertemporal para o regaste de suas memórias e, assim, apresentação de suas relações com esta prática.

Vale destacar, como ressalta Gomes (2004, p. 57) que a:

[...] a fenomenologia, como método, é uma forma de fazer ciência que compreende a humanidade/humanização de uma pesquisa científica, estando ela também influenciada pela formação ideológica do pesquisador, apesar de visar à essência dos fenômenos, para o qual busca a *époche* (afastamento).

Num segundo momento e, a partir dos dados advindos desta pesquisa, construiremos, (dentro de oficinas que promoveremos) um instrumento que denominamos temporariamente como: “Guia do contador(a) de histórias”, que consistirá num recurso para uso desta prática como possibilidade de ensinar conceitos e/ou para promover “alívio lúdico<sup>1</sup>” dentro dos contextos de sala-de-aula.

Por último, é necessário esclarecer, que não se faz uma pesquisa fenomenológica para intervir, uma vez que seu viés é observador/descritivo/compreensivo, e desta forma, seu intuito é exclusivamente desvelar/evidenciar a essência do fenômeno observado. Contudo, é possível a utilização de dados de uma pesquisa fenomenológica para intervir e/ou produzir instrumentos que atendam ao viés ativista/transformador de uma realidade e/ou contexto.

Destarte, haverá dois momentos em nosso percurso, o primeiro deles (não interventivo): composto por uma pesquisa fenomenológica, com início, meio e fim. E o segundo, no qual, a partir dos dados, construiremos com o/a(s) professor(as) um instrumento pedagógico/artístico na arte de CH que será composto por várias mãos, vivências e imbricações.

---

<sup>1</sup> Momentos lúdicos impulsionados pelo prazer de contar e/ou ouvir histórias.

Nessa perspectiva, o interesse de estudo está focado nas contribuições da arte de CH(s) para os processos de aprendizagens e formação continuada dos(as) professores(as) de Educação Infantil de município da grande Vitória-ES.

## **ESBOÇOS TEÓRICOS INICIAIS**

Teoricamente, a pesquisa se fundamenta na compreensão de escuta empática rogeriana (ROGERS, 1977), da concepção do ensinar como especificidade humana (FREIRE, 1996) e da resiliência como flexibilidade psicológica (GOMES, 2004). Em termos metodológicos fará uso da fenomenologia eidética de viés existencial, humanista e vivencial na perspectiva de pensar com os sujeitos, a partir das vozes e de uma escuta compreensiva que se propõe a imergir em seus universos particulares, desvelando seus modos de ser professores/as em seus imbricamentos.

Ao pesquisarmos é preciso nos lançar aos estudos que já foram (de alguma forma) explorando o tema abordado. Esse é um passo que ainda está em construção, mas será constituída de teóricos que abordam a questão da CH, como exemplo destacamos:

a) Fanny Abramovich que retrata a importância de contar histórias para as crianças, seja realizada pelos pais ou professores; Beth Coelho em sua explanação sobre essa arte e o que precisa para desenvolvê-la onde quer que se dê sua prática (COELHO, 1986).

b) Hannah Arendt com sua experiência de resiliência traduzida em sua história de vida (ARENDRT, 2005).

c) Fabiano Moraes e Lenice Gomes em seus encantamentos de contadores de histórias (GOMES; MORAES, 2012), além de dissertações e teses, em processo de levantamento, que deverão fazer parte dessa escrita que sofrerá aprofundamento a partir da pesquisa em campo. Desta forma, na vivência dessa pesquisa, acreditamos que alguns autores serão convidados a compor essa pesquisa, uma vez que ao andar se faz o caminho...

## **CONCLUSÕES**

A pesquisa desvela possibilidades de diálogo entre as vivências dos professores e suas práticas docentes elucidadas pela arte da CH, possibilitando ampliar suas experiências no decorrer do percurso formativo.

Sendo possível, a partir das reflexões sobre as leituras de diversos autores, os registros dos encontros com os professores, a realização das oficinas de CH, obter algumas importantes contribuições sobre essa temática.

É sabido que grandes são os desafios no tocante à formação continuada e a arte de CH como forma lúdica de pensar práticas diferenciadas, no entanto, já é possível vislumbrarmos autores que contemplem essa temática e com experiências significativas.

Assim, durante as reflexões, percebe-se a necessidade de buscarmos mais aprofundamento teórico que subsidiem melhor os conteúdos, conhecimentos e práticas adquiridos ao longo dos anos no cotidiano das escolas, sendo necessária uma prática reflexiva, crítica e lúdica de pensar o fazer docente.

Assim, a pesquisa, os encontros, as escutas, os registros e o diálogo reflexivo das práticas docentes poderão promover caminhos mais reflexivos e potentes, perpassados pela história de cada um imbricados pela arte da CH.

## **REFERÊNCIAS**

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

COELHO, B. **Contar histórias** – uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1986.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano. (Orgs). **A arte de encantar:** o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Vitor. **Três formas de ser resiliente:** (des)velando a resiliência de adolescentes no espaço escolar. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Espírito Santo, programa de Pós-graduação em Educação, Vitória, 2004.

ROGERS, Carl Ransom; ROSENBERG, R. **A pessoa como centro.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.